

**ALGUMAS REFLEXÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS SOBRE O LIVRO
HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS EM 15 CORDÉIS, DE JARID ARRAES¹**

Gabriela Rodrigues da Silva²
João Paulo Hergesel³

RESUMO

O livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes (2017), reúne a vida de algumas figuras femininas negras brasileiras que marcaram a história do Brasil. O objetivo deste ensaio foi refletir sobre os modos de representação da mulher negra na literatura de cordel, sobretudo nas biografias poéticas de Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis. O processo analítico dos cordéis teve como base a leitura interpretativa, com um respaldo da Análise do Discurso, ancorada em Coracini (2006) e Gregolin (2006). A relevância deste ensaio está em resgatar a biografia e a contribuição artística de autoras negras e brasileiras que marcaram a nossa História em diversas áreas, partindo do campo político ao literário.

Palavras-Chave: Literatura brasileira. Literatura de cordel. Jarid Arraes.

ABSTRACT

The book *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, by Jarid Arraes (2017), brings together the lives of some Brazilian black female figures who marked the history of Brazil. The aim of this essay was to reflect on the modes of representation of black women in cordel literature, especially in the poetic biographies of Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus and Maria Firmina dos Reis. The analytical process was based on interpretive reading, with support from Discourse Analysis, anchored in Coracini (2006) and Gregolin (2006). The relevance of this essay is to rescue the biography and artistic contribution of black and Brazilian authors who have marked our history in different areas, from the political to the literary field.

Keywords: Brazilian Literature. Cordel Literature. Jarid Arraes.

¹ Ensaio acadêmico resultado do projeto de pesquisa “Literatura de cordel e culturas ativistas: aspectos discursivos e poéticos do livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*”, realizado no âmbito do Programa Integrado de Iniciação Científica – PIC (período 2020/2021) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

² Graduanda do curso de Letras: Português/Inglês da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Bolsista do Fundo de Apoio à Iniciação Científica (FAPIC/Reitoria/PUC-Campinas). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)curso: sujeitos e língua(gens). E-mail: gabriela.rodrigues@outlook.com.br.

³ Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)curso: sujeito e língua(gens). E-mail: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

INTRODUÇÃO

Este ensaio acadêmico tem como objeto de reflexão o livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes (2017). Nessa obra, a autora apresenta as principais mulheres negras brasileiras que marcaram a história do país, por meio da construção da biografia dessas figuras em cordéis, os quais contêm dados biográficos relevantes juntamente das xilogravuras. Destacam-se, em nossa leitura, três personalidades presentes no livro: Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus e Maria Firmina dos Reis.

Antonieta de Barros (1901-1952), catarinense, destacou-se na vida política devido à luta constante contra o racismo e machismo. Ademais, foi eleita para participar da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, tornando-se a primeira mulher a ser eleita como deputada do Estado. Sendo assim, ela conciliou a carreira jornalística e literária, publicando algumas obras, por exemplo, *Farrapos de Ideia* (1937), ainda com o pseudônimo de Maria da Ilha.

Carolina Maria de Jesus (1914-1977), mineira, nasceu em Sacramento (MG). Após o falecimento da mãe, mudou-se para São Paulo, porém, enfrentou dificuldades e grandes desafios para viver nessa grande cidade, ela precisou vagar pelas ruas a noite para coletar papéis. Nesse contexto, utilizou esses mesmos papéis para escrever o seu livro de sucesso, intitulado *Quarto de despejo* (1960).

Por último, Maria Firmina dos Reis (1825-1917) nasceu na Ilha de São Luís (MA) e mudou-se para São José dos Guimarães. Lecionou desde os 22 anos de idade, em paralelo à produção do primeiro romance, *Úrsula* (1859), considerado o primeiro romance brasileiro escrito por uma mulher negra.

O objetivo deste ensaio foi refletir sobre os modos de representação da mulher negra na literatura de cordel. Para isso, fez-se uma leitura interpretativa de três cordéis previamente selecionados do livro de Arraes (2017), com um respaldo da Análise do Discurso, ancorada em Coracini (2006) e Gregolin (2006). A relevância deste ensaio está em resgatar a biografia e a contribuição artística de autoras negras e brasileiras que marcaram a nossa História em diversas áreas, partindo do campo político ao literário.

REFLEXÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS

Durante as análises dos cordéis selecionados – *Antonieta de Barros*, *Carolina Maria de Jesus* e *Maria Firmina dos Reis* – foi possível notar que as produções são compostas por

sextilhas, ou seja, cada estrofe contém seis versos. Além disso, não foi possível encontrar versos metrificados.

Notou-se que há dominância da inversão sintática para garantir a musicalidade e o ritmo no final de cada verso. A respeito disso, tem-se como exemplo, no cordel dedicado à Antonieta:

Era uma catarinense
De Antonieta nomeada
Sendo de origem pobre
Teve a vida permeada
Por muita dificuldade
E por Luta semeada.
(ARRAES, 2017, p. 17).

No seguinte período, notou-se a inversão sintática para enfatizar o período em que se sucedeu esse triste acontecimento na vida de Antonieta. Além disso, para sinalizar para os leitores de possíveis e notáveis dificuldades que marcaram a vida dessa figura:

Ela ainda era criança
Quando órfã se tornou
O seu pai faleceu
E na vida lhe deixou
Com a mãe que criava
E que muito lhe espirou.
(ARRAES, 2017, p. 17).

Da mesma maneira, encontra-se esse mesmo fenômeno, para chamar a atenção do leitor em relação a informação apresentada sobre a vida da autora, nesse caso, o fato dela conseguir ingressar na escola normativa aos 16 anos, ademais, pontua sobre a conquista dessa mulher:

Tinha dezessete anos
Quando conseguiu entrar
Na escola normalista
Para mais se dedicar
Aos estudos que gostava
Querendo aperfeiçoar.
(ARRAES, 2017, p. 18).

Ademais, consta trechos que contém a marca da oralidade, como em:

No entanto, é preciso
Uma coisa mencionar
Inda era os vinte
Quando ela foi estudar
Veja só que grande feito

Ela estava a desbravar!
(ARRAES, 2017, p. 18).

O uso do advérbio *inda* enfatiza a origem dessa figura feminina, nesse caso, uma mulher humilde, mas ao mesmo tempo contém um tom irônico. Afinal, Antonieta conseguiu atuar e se destacar em três atmosferas distintas: política, literária e educação. Pode-concluir esse raciocínio devido a presença do seguinte excerto:

Por inteira a sua vida
Viveu como educadora
Jornalista ou deputada
Se manteve ensinadora
Com lições educativas
E também libertadoras.
(ARRAES, 2017, p. 21).

Logo no início do cordel que contempla de maneira poética e resumida sobre a escritora brasileira Carolina Maria de Jesus (2017) encontra-se a presença do advérbio de intensidade muito para enfatizar que Carolina foi explorada enquanto estava viva:

Essa é uma escritora
Que já foi ignorada
E durante a sua vida
Foi também muito explorada
Mas por muitos hoje em dia
É com honras adorada.
(ARRAES, 2017, p. 37).

Além disso, a estrofe finaliza pontuando sobre a reviravolta na vida dessa mulher, nesse caso, a autora sofreu em vida, mas após a sua morte se destacou no universo literário.

Novamente identifica-se a inversão sintática, ou seja, o deslocamento do sujeito para o meio da oração:

O que mais ela gostava
Era ler, era escrever
Sendo maior passatempo,
E registro do viver
Nas palavras mergulhava
Para assim sobreviver.
(ARRAES, 2017, p. 39).

Esse fenômeno nesse excerto selecionado ocorre para enfatizar as ações as quais Carolina gostava realizar, nesse caso, ler e escrever. Adiante, encontra-se outra inversão com a finalidade de destacar o processo de criação dos textos de Carolina Maria de Jesus:

Como era catadora
Pelos lixos encontrava
O papel e o caderno
Que por fim utilizava
Como o famoso Diário
Onde tudo registrava.
(ARRAES, 2017, p. 39).

Nas três obras é possível mapear a presença dos seguintes discursos: feminista negro, resistência e existência, político e histórico. Além disso, esses discursos estão sempre atrelados, conseqüentemente, contribuem para o encadeamento das ideias. Segundo Gregolin (2006, p. 32):

Não se deve perder de vista o fato de que o discurso acontece sempre no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelece correlações, deslocamentos, vizinhanças. Por isso, o objeto da AD deve ser essa interdiscursividade, as redes de memórias que produzem os sentidos em um momento histórico.

Sendo assim, nos versos finais do cordel sobre Antonieta de Barros, há excertos que indicam a presença do discurso feminista negro de maneira implícita:

Pras mulheres brasileiras
Ela é grande liderança
Deve ser muito lembrada
De adulto até criança
Pela sua honestidade
Por sua perseverança.
(ARRAES, 2017, p. 22).

Através da descrição realizada é possível concluir o impacto dessa figura na vida das mulheres, em específico, brasileiras.

Ademais, a estrofe seguinte contém traços de um discurso feminista também, devido a inclusão de outras mulheres através do uso do pronome pessoal “eu” junto com o pronome pessoal indefinido “todas”, para agradecerem a contribuição de Antonieta:

Eu e todas as mulheres
Neste verso agradecemos
E esperamos que em frente
Sempre juntas caminhemos
E lembrando Antonieta
Certo que nós venceremos.
(ARRAES, 2017, p. 22).

No cordel, Carolina Maria de Jesus, pode-se encontrar o discurso do feminismo negro, como em:

Carolina eternamente
Uma imensa inspiração
Uma força grandiosa
E validação
A mulher negra escritora
Que despeja o coração.
(ARRAES, 2017, p. 42).

É possível compreender que a autora é uma inspiração tanto para as mulheres negras quanto para as autoras, devido o destaque que essa figura teve no meio literário.

Da mesma maneira, encontra-se o mesmo discurso citado acima, porém articulado de uma maneira diferente e sobre uma figura feminina distinta, nesse caso, sobre Maria Firmina dos Reis (2017), visto no seguinte trecho:

Porque graças a Firmina
Hoje temos esse espelho
Da mulher negra escritora
E que publicou primeiro
Um livro abolicionista
Como mais belo centelho.
(ARRAES, 2017, p. 111).

Outro possível exemplo pode ser conferido em:

É por isso que eu faço
No cordel a correção
Que conheça a Firmina
Um orgulho pra nação
E que espalhem sua obra
Que desperta o coração.
(ARRAES, 2017, p. 112).

Nota-se a presença do discurso feminista, porém, construída e articulada de uma maneira, devida a escolha lexical. Além disso, essa diversidade contribui para compreendermos os discursos. Segundo Gregolin (2006, p. 21), “[...] a heterogeneidade e a complexidade dos processos discursivos impõem a ideia de alteridade e fazem explodir a máquina discursiva”.

Nota-se ao longo da leitura desse cordel a presença do discurso de resistência e existência:

Nas escolas não ouvimos
Essa história impressionante
Mas eu uso o meu cordel
Que também é importante
Para que você conheça

E não fique ignorante.
(ARRAES, 2017, p. 22).

Nesse caso, Jarid pontua e questiona sobre a invisibilidade dessas mulheres na história e ressalta a importância de tratar sobre essas figuras para que, seja possível apresentá-las e conservá-las através das narrativas apresentadas.

Nos versos finais do cordel sobre a autora de *Quarto de despejo* encontra-se a marca do discurso de resistência e existência, tendo como exemplo:

Carolina é um tesouro
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres
Para o povo negro inteiro
Referência como exemplo
De valor testamentário.
(ARRAES, 2017, p. 42).

De acordo com Gregolin (2006, p. 31), “[...] a produção e a circulação dos enunciados obedecem a regras e estão sempre sujeitas ao poder; entretanto, a existência do poder pressupõe a resistência e, por isso, o discurso é objeto de lutas políticas”. Ocorre uma ressalva sobre a relevância dessa figura para a população negra brasileira, devido as denúncias realizadas através das produções.

Por fim, no texto que trata sobre a vida de Maria Firmina dos Reis (2017) é possível identificar nos últimos versos a indignação da autora, Jarid, em relação a marginalização dessa autora. Sendo assim, usa da sua narrativa para ressaltar a importância de conhecer a autora abolicionista, como no seguinte trecho:

No entanto, me revolta
O nojento esquecimento
Pois nem mesmo na escola
Nem sequer por um momento
Eu ouvi falar o seu nome
Para o reconhecimento.
(ARRAES, 2017, p. 111).

Para Coracini (2006, p. 201-202), “[...] assim como nomear é dar realidade ao objeto, é possível afirmar que falar de um povo ou de um grupo social e até mesmo de um indivíduo é dar-lhes existência, fazê-los serem e acreditarem que são ou que existem”. De acordo com Coracini (2006), tratar sobre um grupo ou um indivíduo em específico garante a existência dessa figura, ou seja, o discurso contribui para que esse fenômeno aconteça.

Além disso, encontra-se um questionamento de Jarid Arraes o qual contempla essa questão nos versos finais sobre Maria Firmina dos Reis:

Como pode algo assim?
Se a História ela marcou
Por que não falamos dela
Nem do que ela conquistou?
É terrível a injustiça
Que a escola maculou.
(ARRAES, 2017, p. 111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em caráter de conclusão para estas primeiras reflexões sobre a obra de Arraes, o que vemos é uma constante presença de discursos que se entrecruzam e completam, associando às biografias de brasileiras que marcaram a História do Brasil, fatores decoloniais, como feminismo, o movimento negro e, especificamente, o feminismo negro. Por esse motivo, enxergamos nesse objeto um potencial para que sejam exploradas tais questões, como embasamento teórico em autoras como que tratem sobre a trajetória da mulher negra brasileira ao longo da história, além de exibirem reflexões que abarcam o feminismo negro – como é o caso de Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro e Joice Berth.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro**. Arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. *In*: NAVARRO, P. (org.). **Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos**. São Carlos: Claraluz, 2006.